



Medição dos resultados técnico-económicos das explorações familiares

A grande maioria das explorações agrícolas na Guiné-Bissau são de tipo familiar, onde o chefe da família gere o sistema de produção, a maior parte do mão-de-obra sendo familiar. Em muitos casos, a finalidade da produção inclui comercialização e autoconsumo das produções.

Enquanto essas explorações agrícolas familiares (EAF) costumam praticar suas atividades desde décadas e gerações, pouca informação existe em termos da sua produtividade. Até os próprios produtores dificilmente conseguem calcular o lucro procurado por uma determinada produção, e ainda menos pelo seu sistema de produção completo durante um ano. Essa falta de dados explica-se por várias razões, entre as quais:

- o grau elevado de analfabetismo dos produtores, que dificulta o apontamento dos dados relativos à produção, vendas e receitas;
- a falta de domínio dos conceitos e das ferramentas de base de agroecologia, devido à falta de formação e acompanhamento nessa área da parte das organizações que trabalham com os camponeses;
- a complexidade dos sistemas de produção familiares, onde várias atividades são realizadas ao longo do ano, muitas vezes no mesmo tempo, e onde a unidade de consumo e a unidade de produção são misturadas (as despesas para satisfazer as necessidades de base da família são asseguradas pelas receitas agrícolas: o dinheiro entra e sai, sem registo).

Em muitos casos, temos apenas uma estimativa da produção das EAF (quantidade produzida). Conhecer o rendimento (produção / superfície) já é mais difícil, devido ao fato que os produtores geralmente não conhecem bem suas superfícies. Mas calcular o lucro ou a margem de uma produção torna-se geralmente um quebra-cabeça, na ausência de dados registados. No entanto, se uma organização quer apoiar as EAF para melhorarem seus resultados técnico-económicos, essas têm que ser estimadas e analisadas, para identificar quais as técnicas / práticas a promover e para ajudar os produtores a escolher as melhores opções em termos de produção e estratégia comercial.

Objetivo do metodo de medição dos resultados das EAF

Analisar as performances técnico-económicas para realizar um trabalho mais aprofundado de aconselhamento em gestão junto das EAF.



Público:

- Responsáveis de ONGs, Organizações Comunitárias de Base, Serviços públicos de extensão rural.
- Técnicos, Animadores, Formadores, Extensionistas dessas organizações.

Nota: esta ficha metodológica limita-se a medir os resultados técnicos e económicos das atividades agrícolas a nível da exploração agrícola. Não é um instrumento de avaliação da agroecologia, que requer a consideração dos efeitos agronómicos, socio-económicos e ambientais das práticas e sistemas. Foram desenvolvidos métodos específicos para este fim: TAPE (FAO), GTAE Memento, etc.



Elementos-chave

As EAF são micro ou pequenas empresas agrícolas, que funcionam com base numa lógica económica racional, que visa otimizar o uso dos recursos produtivos (terra, água, mão-de-obra, etc.), adaptando-se no seu ambiente natural, social e económico.

O método de medição dos resultados técnico-económicos é um dispositivo que permite recolher regularmente dados referentes a um ciclo ou um conjunto de ciclos de produção, tratá-los para calcular indicadores que servem de base para analisar as performances.

A fase da concepção do dispositivo é fundamental de forma a definir os bons indicadores, identificar todos os dados de interesse a recolher e definir modalidades eficazes de recolha. Com efeito, a qualidade das análises depende da boa definição dos indicadores, da seleção dos dados pertinentes a recolher, da elaboração de ferramentas apropriadas e da definição de modalidades de registo eficientes e eficazes.

O acompanhamento regular dos produtores na recolha dos dados constitui uma etapa chave para garantir o sucesso do método.

O sistema não deve ser apenas descritivo: os dados recolhidos devem servir de base para uma análise visando melhorar os resultados dos produtores.

Descrição do método

Definição do método de medição dos resultados técnico-económicos

Esse método visa acompanhar e analisar as performances técnico-económicas de uma amostra de explorações agrícolas familiares, tanto em termos de produção como de resultados económicos. Permite:

- Calcular os resultados técnico-económicos de uma exploração agrícola ou de um sistema de cultivo ou de criação animal, para um ciclo ou um período (estação climática, ano).
- Avaliar os resultados técnico-económicos médios obtidos por produtores similares numa mesma zona.
- Comparar os resultados obtidos por uma mesma EAF em diferentes momentos (seguimento da evolução inter-anual dos resultados).
- Comparar os resultados obtidos por diferentes produtores, praticando a mesma atividade ou mesma cultura, na mesma zona ou em zonas diferentes (análise da heterogeneidade dos resultados intra e inter-espacial), ou implementando práticas diferentes.

O objetivo final é triplo:

- Organizar e apresentar os resultados aos produtores;
- Analisar e explicar os resultados obtidos pelos produtores;
- Procurar soluções com os produtores.

Implementação do método

O método compreende 2 fases distintas sucessivas:

- A/ A fase preliminar de concepção do dispositivo;
- B/ A fase de implementação.

A/ Fase preliminar de concepção do dispositivo

Essa fase inclui 6 etapas:

- 1) Identificar e escolher as produções a acompanhar;
- 2) Escolher a amostra das EAF a acompanhar;
- 3) Definir os indicadores de análise;
- 4) Identificar os dados a recolher;
- 5) Elaborar as ferramentas de recolha dos dados;
- 6) Definir as modalidades de recolha dos dados: frequência, responsabilidades entre técnicos e produtores.

Etapas	Descrição
1) Identificar e escolher as produções	As EAF combinam geralmente diferentes sistemas de cultivo e de criação animal. No entanto, muitas vezes, para facilitar a análise, decide-se medir os resultados a nível de 1 sistema de cultivo (ou de criação animal) definido, como por exemplo: a horticultura, o arroz, as culturas pluviais, a fruticultura, a criação de porcos, etc. A identificação e a escolha das produções a serem seguidas dependem: - da sua importância a nível do resultado global das EAF; - do interesse dos produtores em desenvolvê-las; - da existência de oportunidades (fileiras portadoras, nichos, etc).
2) Escolher a amostra das EAF a acompanhar	Devido a limitações em termos de recursos humanos e financeiros para recolher e analisar os dados, o dispositivo de recolha tem que ser feito a partir de um número limitado de EAF. Daí a necessidade de escolher uma amostra de produtores, que tem que respeitar alguns critérios: → Critérios de ordem técnica > as EAF têm que ser escolhidas com base nas características das suas práticas, da sua localização (baixas, zonas altas, etc), do perfil dos produtores (sexo, idade, antiguidade da atividade), etc. Em função dos objetivos do trabalho, pode-se decidir escolher: - uma amostra representativa da diversidade encontrada na zona; - uma amostra composta por EAF típicas da média das EAF existentes na zona. → Critérios de ordem social / organizacional > tem que se escolher produtores que dão uma garantia mínima que a recolha dos dados será de qualidade, ou seja que : - têm a capacidade para apontar / organizar as informações de base (datas, quantidades, preços, etc.); - se comprometem em registar / recolher os dados diariamente. No que diz respeito ao tamanho da amostra, tudo depende do objetivo: - No caso em que o objetivo é aconselhar um grupo de EAF, baseando-se em resultados médios, a amostra deve ser representativa, e corresponder no mínimo a 10 % do total; - Caso contrário, os dados são utilizados sob forma de estudos de caso.

O importante

Identificar os dados a recolher:

A medição da superfície é fundamental para calcular o indicador

« rendimento ». Na realidade, essa informação não é fácil de obter, não sendo conhecida dos produtores com as unidades científicas (m² ou ha).

O técnico tem que avaliá-la, idealmente deslocando-se no terreno, onde pode fazer uma medição das dimensões, andando por exemplo no terreno com passos standard de 1 metro (o que requer um treino prévio). Quando não é possível ir até o terreno (distante demais ou de difícil acesso), o técnico tem que avaliar as dimensões através de perguntas ao produtor: por exemplo, pode pedir para o produtor mostrar o comprimento e a largura utilizando 2 pontos fixos no local do inquérito.

Para avaliar a produção, não se pode esquecer do autoconsumo e doações.

Da mesma forma, procuramos conhecer o proveito, e não apenas as receitas obtidas, para não minimizar a produção. O proveito calcula-se dando um valor económico à totalidade da produção (quer seja comercializada, quer seja autoconsumida ou doada).

Etapas	Descrição
3) Definir os indicadores	Para fazer uma análise técnico-económica completa dos resultados, é importante ter indicadores técnicos e indicadores económicos: → Os indicadores técnicos permitem avaliar a produtividade da atividade agrícola. O principal indicador técnico é o rendimento agronómico (medido em kg/m² ou kg/ha), ou seja a produção por unidade de superfície. → Os indicadores económicos permitem avaliar a rentabilidade da atividade agrícola. O principal indicador económico é a margem (ou benefício), que corresponde à diferença entre os proveitos (valor das produções) e as despesas. Os indicadores técnicos e económicos são complementares e a sua comparação permite explicar o grau de performance: - Se temos só indicadores técnicos, dá para avaliar a produtividade e o nível de domínio técnico do produtor, mas não permite avaliar a rentabilidade da atividade. Por exemplo, às vezes, o aumento dos rendimentos não se traduz por um aumento da margem. - Se temos apenas indicadores económicos, dá para avaliar a rentabilidade da atividade, mas na ausência de dados técnicos (como o rendimento), fica difícil explicar o porque dos resultados observados (que dependem tanto das quantidades produzidas, e então do rendimento, como do preço de venda).
4) Identificar os dados a recolher	Para calcular os indicadores técnicos e económicos, tem que se recolher 4 tipos de dados de base: → Dados ligados à caracterização da unidade e do ciclo de produção: - Nome e localização da EAF; - Natureza do ciclo / da atividade (horticultura, orizicultura, criação); - N° de unidades de produção: superfície cultivada, N° de pés, efetivo reprodutor, etc.; - Período de produção. → Dados técnicos: - Quantidades produzidas = quantidades autoconsumidas + vendidas + doações; - Qualidade das produções, em alguns casos. → Dados económicos: - Despesas; - Proveitos (= valor da produção total = receitas das vendas + valor da produção autoconsumida + doada), - Variações dos estoques. → Informações complementares sobre: - As práticas realizadas: fertilização (doses, frequência, etc), manutenção (trabalhos, frequência, etc.), alimentação do gado (natureza, quantidades, etc.); - Os eventos particulares observados ao longo do ciclo: nível de preço no momento da colheita, inundações, ataques de pragas, migração sazonal de mão-de-obra, etc.

O importante

Elaborar as ferramentas de recolha dos dados:

Não existe um tipo, mas uma diversidade de ferramentas, que têm que ser adaptadas em função da realidade local e do tipo de atividade que se pretende acompanhar:

- Será que os produtores entendem bem fichas e tabelas, ou ficam mais à vontade com um caderno para apontar dados?

- Trata-se de um ciclo curto ou longo? De uma produção simples ou de um conjunto de atividades?

Etapas	Descrição
5) Elaborar as ferramentas de recolha dos dados	Não existe um instrumento-tipo. Em função das produções seguidas, dos dados a recolher, e das capacidades dos produtores em apontar dados, pode-se utilizar fichas específicas em formato papel com tabelas pré-definidas a preencher ou um caderno simples. A temporalidade dos registos varia segundo as produções (frequência dos amanhos culturais, das colheitas, duração do ciclo, etc), e a tabela deverá ter isso em conta: → Tabela por ciclo para as culturas de ciclos curtos ou médios (ex: hortaliças, culturas arvenses pluviais) e os animais cujos ciclos de produção são distintos (tipo de gado, forma e finalidade de criação): a recolha das informações começa no início do ciclo (sementeira, aquisição do gado) e acaba no fim do ciclo (venda ou consumo dos últimos produtos). → Tabela mensal ou sazonal para as produções que têm ciclos de produção contínuos (reprodução, galinhas poedeiras, unidades de transformação): a recolha de informações é contínua, novas fichas são utilizadas no início de cada mês e são fechadas no fim de cada mês. → Tabela anual para as culturas perenes e semi-perenes: a recolha de dados começa no início do ano e acaba no fim do ano. Se a produção começa no decurso do ano, é preferível elaborar fichas mensais e compilá-las no fim do período para evitar que o produtor se esqueça das informações. Às vezes, a manipulação de fichas com tabelas é algo complicado de entender pelos produtores, cujo nível de alfabetismo pode ser baixo. Eles ficam mais à vontade com um caderno simples, onde apontam as diferentes informações de interesse ao longo do tempo, para um definido ciclo. Nesse caso, o técnico tem que recolher esses dados “brutos” e organizá-los em fichas com tabelas pré-definidas, para facilitar o tratamento ulterior. As tabelas / fichas têm que ser testadas no terreno com alguns produtores, de forma a validá / melhorá-las.

O importante

Recolha dos dados:

A frequência da recolha depende por um lado do tipo de atividade / ciclo de produção, mas também dos recursos (humanos e financeiros) disponíveis para implementar o dispositivo. Procura-se geralmente encontrar um compromisso entre a frequência ideal para minimizar os riscos de erros / esquecimento de informações e o custo do dispositivo que a organização consegue cobrir.

Quando os produtores registam sozinhos os dados (situação ideal, mas que é complicada no contexto da Guiné-Bissau), permite limitar as visitas dos técnicos no terreno. Quando os produtores não são autónomos, requer uma presença regular dos técnicos no terreno: traduz -se geralmente pela escolha de uma amostra mais pequena, compatível com a disponibilidade limitada dos técnicos (além do constrangimento orçamental).

Etapas	Descrição
6) Definir as modalidades de recolha dos dados	Uma vez as ferramentas concebidas, o dispositivo operacional de recolha dos dados deve ser definido, que inclui: → A frequência da recolha dos dados > como mencionado no ponto anterior, a frequência varia em função do tipo de informação a recolher. Alguns dados são recolhidos pontualmente, por exemplo no início ou no fim do ciclo de produção, enquanto outras informações têm que ser recolhidas regularmente (diariamente, semanalmente, mensalmente), em função do tipo de produção (colheita escalonada, despesas repartidas ao longo do ciclo, etc). Por exemplo, pode ser: - de 15 em 15 dias para os ciclos curtos que necessitam de várias intervenções (ex. cultivo de alface); - 1 vez por mês para os ciclos longos que necessitam poucas intervenções (ex. cultivo de bananeira). → A repartição das responsabilidades da recolha de dados entre o técnico e o produtor; o registo pode ser realizado: - pelos produtores, que apontam em tempo real as informações. Neste caso, o conselheiro acompanha, desde o início, cada produtor no preenchimento das primeiras informações e acompanhá-lo regularmente para assegurar a fiabilidade dos dados. No fecho de um período produtivo (ciclo), o conselheiro acompanha os produtores na identificação das informações complementares a ter em conta. - pelo técnico, durante as visitas realizadas no terreno nas EAF. Neste caso, em cada visita, o técnico identifica as diferentes operações efetuadas no período desde a última visita, e tira as informações de interesse. Durante a discussão, caracteriza os itinerários técnicos e pede as precisões necessárias. Não tem regra para definir as modalidades de recolha dos dados. Tem que se avaliar caso por caso. O ideal seria que cada produtor aponte seus dados, o que contribui para reforçar suas capacidades em gestão da sua EAF e limita o trabalho e o custo da recolha dos dados pelos técnicos. No entanto, força é de constatar que as capacidades de preenchimento de fichas, mesmo simples, em relação ao nível escolar geralmente fraco e à taxa de analfabetização elevada do mundo camponês, o que dificulta a inscrição das informações na ficha de recolha. Daí a necessidade de envolver um técnico para preencher a ficha, na presença do produtor.

B/ Fase de implementação do dispositivo

Essa fase inclui 5 etapas:

- 1) Formação inicial dos técnicos e dos produtores;
- 2) Registo / recolha dos dados;
- 3) Tratamento dos dados;
- 4) Análise dos resultados;
- 5) Restituição dos resultados.

O importante

O sucesso do método reside na qualidade / fiabilidade da recolha dos dados, o que necessita formar e treinar os atores da recolha dos dados. Se a formação inicial dos técnicos da organização que implementa o dispositivo é necessária e fundamental, a dos produtores envolvidos no dispositivo também é extremamente importante: quer sejam eles a apontar os dados, quer sejam os técnicos que os apontam com base nas declarações dos produtores, os dados provêm sempre dos produtores. A recolha / fornecimento dos dados requer tempo por parte dos produtores: se eles não perceberem bem qual é a finalidade e de que forma eles mesmos podem beneficiar do dispositivo, o risco de ter dados incompletos ou errados é grande. Daí a importância de tomar tempo suficiente no início do processo, para que os produtores estejam motivados para serem parte do processo.

Etapas	Descrição
1) Formação inicial	Antes de implementar o sistema de recolha dos dados técnico-económicos, é fundamental realizar uma capacitação das pessoas que vão intervir, sobretudo na fase de recolha dos dados, que são os produtores e os técnicos. Essa formação inicial tem como objetivos: → Apresentar o método na sua globalidade e seus objetivos > tem que se explicar que não se trata apenas de recolher dados junto dos produtores destinados à organização que implementa o dispositivo, mas que esse dispositivo visa reforçar as capacidades dos produtores, melhorando o conhecimento sobre seus resultados técnicos e económicos, com a finalidade de melhorar suas práticas (técnicas, comerciais, de gestão) e tornar as EAF mais rentáveis. O dispositivo deve ser visto como uma ferramenta à disposição dos produtores para reforçarem sua viabilidade e produtividade. Daí a importância de bem apresentar os objetivos antes de entrar nos detalhes práticos da implementação. → Apresentar os dados a recolher > de forma participativa, levar os produtores a identificar as principais informações a recolher para analisar a produção e a rentabilidade da sua atividade (dados técnicos, dados económicos e dados gerais), explicando que a análise requer a recolha de vários dados para ser pertinente e interessante, tanto para eles como para o projeto. → Apresentar as ferramentas a utilizar (fichas / tabelas e/ou cadernos simples), e as modalidades de utilização: frequência de recolha dos dados, responsabilidades dos produtores e dos técnicos nos apontamentos. → Treinar os participantes no preenchimento dos dados, com base em exercícios concretos sobre os ciclos / produções implementados pelos produtores. Esse treino é ainda mais importante quando se prevê utilizar fichas com tabelas. Esse exercício permite tirar as dúvidas, corrigir os erros, dar as devidas recomendações para preencher com qualidade, etc.

O importante

Registo / recolha dos dados:

O sistema de recolha dos dados pelos produtores é baseado em ferramentas papel (fichas ou caderno simples). Para os técnicos, além de fichas pré-definidas, pode também se utilizar mini-computadores tablets, que permitem preencher os dados diretamente na tablet, o que reduz o trabalho e os riscos de erros de digitação ulterior na fase de tratamento dos dados.

O uso de tablets e programas associados requer uma pequena formação prévia.

Etapas	Descrição
2) Registo / recolha dos dados	O registo tem que ser feito com base nas regras definidas previamente, respeitando a frequência, o tipo de ferramentas, o papel de cada um (produtor e técnico). Esta fase de recolha de dados é fundamental, porque constitui a base do dispositivo: daí a necessidade que os dados sejam o mais fiáveis possível. Os riscos de erros sempre existem, e um esforço máximo deve ser feito de forma a reduzi-los, para garantir a qualidade da informação. Os erros mais frequentes são: - Dados incompletos > por ex., quando se pretende conhecer o total das despesas, não se pode esquecer uma parte dessas; quando se procura calcular os proveitos, não se pode esquecer do valor do autoconsumo, etc. - Dados errados / mal levantados. Para reduzir os riscos de erros, além da formação inicial, o papel do técnico que acompanha os produtores envolvidos no dispositivo é fundamental: quando é o produtor mesmo que aponta os dados, o técnico tem que verificar / controlar a qualidade dos dados nas fichas ou cadernos, em cada visita, e fazer as eventuais correções logo na ficha, explicando ao produtor como melhorar a qualidade do apontamento. A fiabilidade dos dados tem que ser um objetivo permanente, sabendo que na presença de dados falsos / incoerentes, é preferível descartá-los em vez de misturá-los com os dados a priori fiáveis. Podemos identificar 3 grandes fases de registo dos dados: 1/ Recolha dos dados iniciais, 2/ Recolha dos dados em curso do ciclo ou período, 3/ Recolha de dados no fim do ciclo ou período. A título de exemplo, apresenta-se a seguir as informações a recolher por tabelas, para calcular a margem de uma determinada cultura: 1/ Recolha dos dados iniciais - Elementos característicos: a EAF, sua localização e seu responsável / Características da produção / Data do início do ciclo ou período. - Tabelas específicas: estoques (valor inicial dos estoques) / Investimentos anteriores ligados à(s) produção(ões) seguida(s). 2/ Recolha dos dados em curso do ciclo ou período - Despesas variáveis da produção: natureza e montante / natureza, quantidade e valor para os intraconsumidos. - Proveitos: natureza, quantidade, qualidade e receitas das vendas / natureza, quantidade, qualidade e valor dos autoconsumidos / natureza, quantidade, qualidade e valor dos intraconsumidos. - Tabelas específicas: investimentos a atualizar para cada novo investimento ligado à(s) produção(ões) seguida(s). - Informações particulares: eventos particulares no decurso do ciclo / práticas específicas. 3/ Recolha de dados no fim do ciclo ou período - Tabelas específicas: estoques: valor final dos estoques - Informações adicionais: data de fim do ciclo ou período.

O importante

Tratamento dos dados:

O tratamento começa pela digitação / compilação dos dados em tabelas.

A recolha dos dados é um processo que leva tempo (de algumas semanas ou meses até 1 ano, em função do ciclo de produção).

A análise só pode ser realizada quando o ciclo ou o período de produção acaba. Entretanto, é aconselhável que a digitação e o tratamento dos dados sejam feitos de forma regular (semanalmente por exemplo), à medida que as fichas de recolha de dados são recuperadas, de forma a 1/ identificar o mais cedo possível eventuais erros de registo e 2/ evitar a sobrecarga de trabalho.

Análise dos dados:

As análises são diversas e dependem do dispositivo criado:

- representatividade ou não da amostra, que condiciona a possibilidade de calcular médias representativas ou não: por exemplo, quando se pretende analisar os resultados de 1 ciclo de uma cultura determinada, é bom ter uma amostra de 8-10 ciclos diferentes, para calcular médias fiáveis,
- nível de precisão das informações, que permite fazer um análise global ou detalhada por atividades.

Etapas	Descrição
3) Tratamento dos dados	Consiste em digitar e classificar os dados recolhidos de forma a obter tabelas ou fichas sintéticas que reagrupam todas as informações úteis e analisáveis para o ciclo ou período de seguimento, para cada unidade seguida (ciclo, produtor). Geralmente faz-se cálculos intermédios para se obter somas (total da produção, total por tipo de despesas, etc). Se a organização dos dados pode ser feita no papel, é muito mais fácil tratar a informação utilizando tabelas tipo Excel, que facilitam os cálculos (e reduzem os riscos de erros de cálculos). Os produtos finais do tratamento dos dados são variáveis, e podem ser por exemplo: → Uma ficha sintética para 1 EAF da amostra, composta por diferentes tabelas: - 1 tabela juntando as características da EAF e do ciclo / período, - 1 tabela de cálculo da margem (com 2 colunas "Despesas" e "Proveitos"), - Indicadores técnico-económicos de interesse (previamente identificados na fase de concepção), tais como a margem, as despesas e proveitos, e a margem/m², despesas/m² e proveitos/m², a margem/dia, a margem/m²/dia, etc. → Tabelas tipo Excel juntando os resultados de vários produtores e/ou ciclos, apresentando os indicadores técnico-económicos acima mencionados individuais + resultados médios obtidos pelo grupo.
4) Análise dos dados	Realiza-se com base nas tabelas da fase de tratamento. A análise consiste em interpretar e comparar os resultados, cruzando os resultados económicos com as informações técnicas como as performances técnicas (rendimento) e as práticas implementadas no decurso do ciclo / da produção. 1/ A complementaridade entre os indicadores técnicos (rendimento) e económicos (margem) - Se temos apenas indicadores económicos, é difícil explicar o porque dos resultados (por ex, a diferença de proveito explica-se pela diferença de rendimento ou de preço de venda?), - Se temos apenas indicadores técnicos, é insuficiente para medir as performances, porque nada se sabe do lucro / margem. 2/ O número de casos acompanhados (tamanho da amostra): - Se a amostra é suficientemente grande e representativa, é possível calcular resultados médios, - Se a amostra é pequena: a amostra não é representativa, e não se pode calcular valores médios. É melhor fazer uma análise de casos individuais, tentando identificar os parâmetros-chave que explicam as diferenças observadas em termos de resultados: <i>Ex 1: mesma produção / mesmas despesas / lucro diferente = o preço de venda foi diferente.</i> <i>Ex 2: mesmo proveito / lucro diferente = despesas diferentes.</i> <i>Ex 3: preço de venda igual / mesmas despesas / proveito e lucro diferentes = produção (rendimento) diferente.</i>

O importante

Restituição do trabalho:

Muitas vezes, as organizações criam sistemas de medição dos resultados dos produtores, com a finalidade de obter dados quantitativos sobre o impacto das suas ações ao nível das EAF apoiadas no âmbito de projetos. Esses dados servem para redigir relatórios, justificar perante o financiador que os objetivos foram atingidos, ou realizar um trabalho de capitalização interna... esquecendo-se dos produtores. Daí a importância de sempre prever restituições com os produtores envolvidos no dispositivo e lançar reflexões e debates com eles com base nos resultados apresentados. Apesar de ser um pouco complexa, a análise dos resultados técnico-económicos desperta geralmente muito interesse por parte dos produtores. Com restituições regulares (depois de cada estação, ou cada ano), os produtores vão se familiarizar cada vez mais com o dispositivo, os indicadores e perceber o interesse de continuar a registar e analisar seus dados técnicos e económicos.

Etapas	Descrição
4) Análise dos dados	3/ O grau de detalhes das informações recolhidas: - Se temos dados detalhados por cultura, permite explicar o porque dos resultados globais (a nível da EAF), para depois aconselhar melhor. - Se temos apenas dados globais (sobretudo despesas globais), a análise é menos interessante em termos de propostas concretas. As seguintes análises podem ser realizadas: → Comparar os resultados entre diferentes culturas numa mesma zona / para o mesmo produtor; → Comparar os resultados da mesma cultura: - entre diferentes produtores e os resultados médios, - entre zonas diferentes (para avaliar a influência do meio e do domínio técnico), - em 2 épocas diferentes (época seca vs época chuvosa), - em função de práticas diferentes (por ex: produção agroecológica vs convencional), etc. → Comparar os resultados da mesma cultura (mesmo produtor) ao longo dos anos, para avaliar a evolução das performances com o tempo (e medir por exemplo o impacto de um projeto que apoiou os produtores para mudarem de práticas).
5) Restituição dos resultados	O método deve servir não apenas o projeto, mas também o produtor: daí a importância de realizar uma restituição dos resultados, que pode ser coletiva ou individual (permite aconselhamento personalizado). Uma restituição de qualidade requer uma preparação prévia: - Organização / seleção da informação a apresentar, - Adaptação da informação à capacidade de compreensão do produtor: quantidade de informação / simplificação dos dados / palavras utilizadas (lucro em vez de margem / valor da produção em vez de proveitos) / escolha das unidades (m² / canteiro), - Preparação da apresentação: poster com quadros simples / cores, - Desenrolar da reunião: discurso bem dominado / preparado antes, para não perder o tema e evitar intervenções fora do assunto.

Vantagens e limitações do método

A/ Vantagens

- Permite explicar os resultados a partir de vários dados técnicos ligados a práticas agroecológicas definidas.
- As ferramentas podem ser adaptadas segundo as capacidades dos produtores (grau de alfabetização) e as informações completadas pelo técnico.
- Fazendo o seguimento do conjunto dos ciclos de produção de um atelier e do conjunto dos ateliers, é possível reconstituir o resultado global da EAF. Por exemplo, o benefício da atividade hortícola + o benefício da atividade rizícola + o benefício da atividade “cajueiro” + o benefício da atividade “criação de caprinos” = Benefício global da EAF qui pratica essas 4 atividades agropecuárias.
- Permite analisar as performances de 1 EAF ou de 1 produção num período determinado. Comparando os resultados obtidos pela mesma EAF / mesmo produtor em diferentes períodos, permite comparar e analisar as evoluções ao longo do tempo.
- Permite fazer análises de grupo, quando se dispõe de uma amostra representativa: pode-se calcular resultados médios, mínimos e máximos numa determinada zona, para comparar os resultados individuais com a média (resultado esperado), e/ou comparar com os resultados obtidos em outras zonas. Constitui uma ferramenta ao serviço do aconselhamento em gestão.
- Contribui para reforçar as capacidades dos produtores para acompanhar melhor sua atividade, apontando as despesas, receitas e produções, e pode desembocar num trabalho de aconselhamento em gestão.

B/ Limitações

- A implementação de um dispositivo de seguimento técnico-económico pode ser difícil e custoso em recursos humanos, quando os produtores não são implicados diretamente no processo de registo dos dados. Exige um acompanhamento de proximidade dos produtores no terreno, para levantar os dados / verificar a qualidade do registo das informações pelos produtores.
- O tempo entre o registo dos dados e seu tratamento pode ser longo e desencorajar os produtores no preenchimento das fichas (informações incompletas), limitando assim as possibilidades de análise.
- A implementação de um dispositivo de seguimento técnico-económico é complexa e necessita boas competências em gestão de bases de dados (recolha, tratamento e análise).



Publicação: 2020

Contacto: Chernó Talato Jalo, Coordenador do Polo
Email: c.talatadjalo@swissaidgb.org

SWISSAID